

# **De D. João de Castro à imagem de satélite: testemunhas da transformação territorial de Goa**

Nuno Miguel de Pinho Lopes<sup>1</sup>

## **Resumo**

O presente ensaio tenciona demonstrar como o (re)conhecimento da cartografia e iconografia disponíveis e relevantes de Goa, na Índia, se poderá traduzir numa base de trabalho essencial para a compreensão e (re)interpretação das realidades históricas coloniais ocorridas neste território, com destaque para os primeiros dois séculos de ocupação portuguesa. A investigação tem como principal objeto de estudo o sistema defensivo de Goa e como metodologia a sobreposição de dados relativos a esse objeto, obtidos entre o trabalho de campo e a coleção das representações mais significativas ao longo dos tempos – de D. João de Castro à imagem de satélite. O interesse em conhecer as bases teóricas disponíveis, cruzando-as com as representações gráficas recolhidas, lendo-os, sobrepondo-os e desenhando sobre os mesmos, reside no apuramento das realidades históricas ao longo da presença portuguesa na região. Dedicar-me-ei tanto a exemplares de reconhecida relevância, como a pequenos fragmentos de representações aparentemente pouco significativas, consoante o que o desenvolvimento da investigação evidenciar como determinante. A apresentação de dados que se segue corresponde a uma amostra de uma fase embrionária de um estudo maior.

**Palavras-chave:** Goa; realidades históricas; representações gráficas; sistema defensivo.

## **Introdução**

O sistema defensivo de Goa – considerando o período de investigação entre o início da ocupação portuguesa (1510) e, ainda a precisar, a cronologia correspondente a um conjunto de processos que determinaram a perda das posições em praticamente toda a Costa do Malabar – define o principal conjunto de estudos que desenvolvi ao longo

---

<sup>1</sup> Doutorando da 2ª edição do programa de doutoramento “Patrimónios de Influência Portuguesa”, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. <http://www.patrimonios.pt/alunos-2/>

do Programa de Doutoramento *Patrimónios de Influência Portuguesa*. Este ensaio propõe uma (re)leitura do território de Goa, dedicando especial atenção à organização desse sistema defensivo, instalado e desenvolvido pelos portugueses durante a sua presença.

Foi desenvolvida uma investigação, tendo como base os elementos cartográficos e iconográficos conhecidos e disponíveis, com natural destaque para os que considero fundamentais na compreensão deste objeto de estudo. Foi realizado um levantamento e articulação desse material – o qual, no cômputo geral, tem origem em motivações militares –, através do qual pretendo demonstrar como as novas tecnologias – em especial as ligadas ao desenho e à geografia – se poderão tornar relevantes para um melhor (re)conhecimento da realidade colonial desse território em diversas épocas. Estas ferramentas permitem redesenhar e reinterpretar os processos de evolução ao longo do tempo, sobrepondo e interpretando os vários tipos de representação territorial e, por natural extensão, aproximação às estruturas das formas dos núcleos urbanos e elementos que os compõem.

A contribuir decisivamente para os objetivos anunciados, não poderei deixar de fazer referência a Walter Rossa – revelador de superior capacidade da análise urbanística e territorial, histórica e contemporânea, desafiando novos investigadores à continuidade desta aprendizagem – ambicionando um superior grau de conhecimento, que privilegie bases comparativas com outros territórios e/ou núcleos urbanos. São disso exemplo os estudos: *Universo Urbanístico Português 1415-1822: caderno de resumos* (1998); *A Urbe e o Traço. Uma Década de Estudos sobre o Urbanismo Português* (2002); “A Cerca Adormecida: Recuperação Histórico - Cartográfica da Muralha Portuguesa de Goa” (com Sidh Mendiratta, 2012); ou *Fomos condenados à cidade: uma década de estudos sobre património urbanístico* (2015), entre outros.

Esta aprendizagem permite-me identificar ferramentas essenciais de trabalho para a compreensão da evolução morfológica ao longo da História da Urbanística de Goa.

## Entre 1510 e o abandono premeditado

Goa, zona de fronteira entre o império hindu de Vijayanagar e o sultanato de Bijapur,<sup>2</sup> era fortemente cobiçada: à sua importância estratégica juntava-se o facto de se tratar de um dos principais apoios do comércio transoceânico, já que era o maior mercado de venda de cavalos árabes e persas na costa ocidental indiana (Bouchon, 1999: 77-94). Este território, com centro na ilha de Tiswadi, estava delimitado pelos rios Mandovi – que a norte fazia a ligação a Bardez – e o Zuari – que a sul ligava a ilha a Salcete, para além de contar com a cordilheira dos Gates – que, a este, isolava Goa do interior – e com o Mar Árábico – que, a oeste, e em conjunto com os pântanos que se formavam principalmente no período das chuvas – muito colaboraram com as habituais estratégias militares portuguesas (Rodrigues: 2001: 3).

Na falta de um polo administrativo com um *hinterland* significativo para além da área da fortaleza e identificada a importância estratégica deste território – aparentemente bem defensável, em virtude das características geoclimáticas – Afonso de Albuquerque partiu à sua conquista, celebrada a 25 de novembro de 1510. Esta posição terá sido reforçada nas décadas seguintes, momento em que se inicia a mudança do paradigma imperial: de numa lógica de hegemonia marítima à inclusão de estratégias de ocupação territorial.<sup>3</sup> Esta foi, de resto, a primeira instalação em todo o Oriente com expressão territorial, reforçada a partir de 1530: altura em que Nuno da Cunha para ali se muda e, com ele, as instituições centrais.<sup>4</sup> Por via de um processo interativo entre organização naval, estruturas fortificadas, sistemas de comunicações e o seu armamento, desenvolveu-se um complexo sistema defensivo.

Este território de controlo português, que em 1543 se estendeu a Bardez e Salcete – embora em constante expansão, cujos limites se foram alargando ao longo de várias

---

<sup>2</sup> Para conhecimento detalhado acerca destes potentados locais, assim como os principais episódios de avanços e recuos relativos à conquista deste território, veja-se a obra de Vítor Luís Gaspar Rodrigues e João Paulo Oliveira e Costa, (2008), *Conquista de Goa 1510-1512 – Campanhas de Afonso de Albuquerque, Volume I*. Lisboa: Tribuna da História, 9.

<sup>3</sup> Na Ásia, vieram a ser exemplo disso a ocupação da Província do Norte (com centro político em Baçaim, em 1534, e uma extensão territorial a Damão, cinco anos mais tarde), para além de Goa, cujo território de controlo português venceu os limites da Ilha de Tiswadi, anexando as regiões de Bardez e Salcete, uns anos mais tarde, correspondendo às chamadas “Velhas Conquistas”.

<sup>4</sup> Sobre este processo de mudança das instituições centrais para Goa, veja-se o trabalho de Catarina Madeira Santos (2001), *Entre Velha Goa e Pangim: a Capital do Estado da Índia e as reformulações da Política Ultramarina*, Série separatas nº 243. Lisboa: Ministério da Ciência e da Tecnologia – Instituto de Investigação Científica Tropical, 4.

décadas – viria a corresponder ao principal centro administrativo, económico, militar, político e religioso onde, de uma maneira geral, se espalhavam os portugueses para diversos pontos da Ásia e da África Oriental.

Da organização defensiva preexistente, identificam-se baluartes e torres colocados pontualmente e estrategicamente no território, complementados pela muralha islâmica que circunscrevia a cidade. Dada a importância deste núcleo e a dependência da ténue situação insular, os portugueses reforçaram algumas destas estruturas e ergueram outras – como terá sido o caso do novo perímetro amuralhado iniciado em 1560 que, na sua versão final terá contado com mais de 18 quilómetros<sup>5</sup> –, distribuindo ainda milhares de homens entre o terreno e as armadas de costa e de alto mar. Paralelamente foram postas em prática medidas que assegurassem a fidelidade das populações, sendo exemplos a substituição da anterior moeda muçulmana, ou a conhecida política de casamentos com mulheres locais, independentemente se eram hindus ou muçulmanas, já que passariam a ser cristãs (Rodrigues e Costa, 2008: 64). Nesse enlace, os “casados” viriam a herdar parte significativa dos bens fundiários dos muçulmanos, recebendo ainda, de acordo com a sua categoria social e instrução, determinados cargos da estrutura militar e civil de Goa.

Para além dos tribunais superiores, dos organismos ligados às forças militares e à gestão financeira da soberania, a presença da jurisdição eclesiástica superior manifestava-se não apenas nos edifícios, como também através de rituais como as procissões ou os batismos. De resto, a sumptuosidade das estruturas que caracterizavam a cidade, (palácios vice régios e eclesiásticos, conventos, igrejas, casas de grandes mercadores, entre outros) distribuía-se numa malha urbana hierarquizada segundo esses poderes.<sup>6</sup>

Apesar das várias estratégias de consolidação da posição em Goa, esta instalação terá sido numa zona contrária aos elementares princípios habitualmente seguidos pelos portugueses, revelando um equívoco. Tal situação terá sido agravada pelas

---

<sup>5</sup> Para saber mais acerca da evolução desta muralha periférica e a sua importância no plano estratégico de defesa de Goa, consultar o artigo de Walter Rossa e Sidh Mendiratta (2012), “A Cerca Adormecida: Recuperação Histórico-Cartográfica da Muralha Portuguesa de Goa”, in Artur Teodoro de Matos e João Teles e Cunha (coords.), *Goa: Passado e Presente*, Tomo 1. Lisboa: CEPCEP e CHAM, 413-423.

<sup>6</sup> Sobre a presença destes poderes em Goa durante os primeiros anos de ocupação portuguesa, veja-se Santos, Catarina Madeira (2001), *Entre Velha Goa e Pangim: a Capital do Estado da Índia e as reformulações da Política Ultramarina*, Série separatas nº 243. Lisboa: Ministério da Ciência e da Tecnologia – Instituto de Investigação Científica Tropical, 13-14.

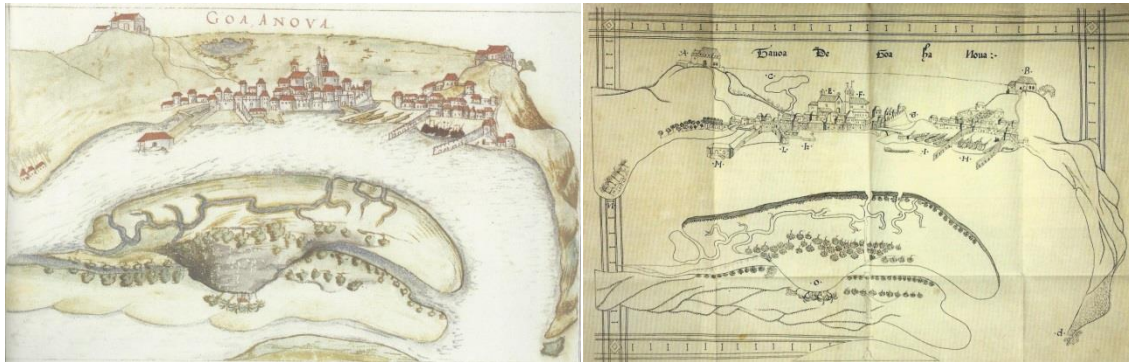
péssimas condições de salubridade, para as quais contribuía os pântanos e a lagoa existente, para além do crescente clima de insegurança imposto por constantes ataques. Ponderou-se a mudança da capital para Mormugão, tendo como base a convicção de vantagens inequívocas: defensável no plano militar, à latitude conveniente, com um porto tão ou mais capaz e dotada de melhores condições de vida. Se ao longo dos anos Goa se foi apresentando como uma cidade cada vez mais abandonada, Mormugão permitia a manutenção dessa função unificadora; além disso, manter a soberania deste território significava salvar o Estado da Índia, de onde saíam todos os socorros para as restantes praças. Chegou a fazer-se obra, a desmontar alguns edifícios de Goa para ali se reutilizarem os materiais, mas a resistência por parte das ordens religiosas foi mais forte. O mesmo não sucedeu com os habitantes, que se foram mudando para Ribandar, até ao momento em que se ergueu a Ponte-Açude do Conde de Linhares (1630), ligando Ribandar a Pangim e aumentando o fluxo migratório, ao longo de dois séculos, até à designação oficial da capital aí instituída (em 1843, passando Goa a ser velha Goa). Ainda antes e ao longo de várias décadas, a evolução das armas de fogo anunciava estragos na capital a partir de distâncias exteriores a este território, tendo sido fundamental o processo das Novas Conquistas, decorrido ao longo de grande parte do século XVIII (1713-1788).

### **Cartografia e Iconografia como bases de trabalho**

Conhecido o objeto de estudo e sintetizados alguns dos episódios mais relevantes entre a chegada e instalação portuguesa em Goa, serão identificadas bases de trabalho que nos auxiliem na compreensão da evolução territorial.

Adotando um compêndio cronológico destes testemunhos de transformação territorial de “Goa portuguesa”, o mesmo terá início em *Goa A Nova* (1538-1539), primeira representação conhecida, pintada por D. João de Castro no seu *Roteiro de Goa a Diu*, presente nas Tábuas dos Roteiros da Índia de D. João de Castro. Daqui terá sido realizado um Fac-simile, a Lithographia de J. C. Villa-Nova Vitoria (1843). O nome *Goa A Nova* surge por distinção, desse período, a “Goa Velha” (a sul da Ilha de Tiswadi). As imagens mostram a geografia e a cidade com a muralha islâmica (na qual

se concentravam os principais núcleos administrativos e religiosos), assim como a sua periferia constituída pela ribeira grande, o cais e algum aglomerado urbano.



**Imagem 1:** (à esquerda) *Goa A Nova* | pintada por D. João de Castro no seu *Roteiro de Goa a Diu* (1538-1539) | Códice 33 do Cofre da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra;

**Imagem 2:** (à direita) *Tauoa de Goa Ha Noua*, de D. João de Castro no seu *Roteiro de Goa a Diu* (1538-1539) | Fac-simile - Lithographia de J. C. Villa-Nova Vitoria (Porto, 1843).

O *Livro de Lisuarte de Abreu* – [*Livro das Armadas, 1563*] (1558-1564), é um dos únicos códices conhecidos a apresentar uma relação ilustrada das armadas da Índia (desde Vasco da Gama, 1497-1499, até à do capitão-mor D. Jorge de Sousa, 1563). Dividido em três partes, inicia com um diário da viagem da nau Rainha de Lisboa para Goa, escrito pelo piloto da nau; segue com uma lista e retratos dos governadores e vice-reis, desde D. Francisco de Almeida a D. Constantino de Bragança; termina com a representação das armadas e os nomes da maioria dos seus capitães.



**Imagens 3 e 4:** Livro de Lisuarte de Abreu – [*Livro das Armadas, 1563*], 1558-1564.

Na Europa, Goa terá sido divulgada através das gravuras de George Braun, Franz Hogenberg e Jan Huyghen van Linschoten. A *Civitates orbis terrarum*, uma conhecida imagem panorâmica produzida em 1572 (com a cidade, a ribeira das naus e as



estruturas defensivas bem evidenciadas), revela que os autores não terão estado em Goa no período que representam (1509), dada a informação ilusória perante a realidade de então. Jan Huyghen van Linschoten terá elaborado o não menos conhecido *Itinerário, Viagem ou Navegação para as Índias Orientais ou portuguesas*, com a descrição da viagem deste navegante às Índias Orientais portuguesas no período 1579-1592, uma imagem concluída em 1596, ano em que os Holandeses chegam a Goa. A cartografia mostra que a cidade se desenvolve a partir de um centro junto ao cais, expandindo-se para a periferia – muito para lá da muralha islâmica. O conjunto, embora desproporcionado, oferece-nos alguma legenda e dados sobre os edifícios entre si.



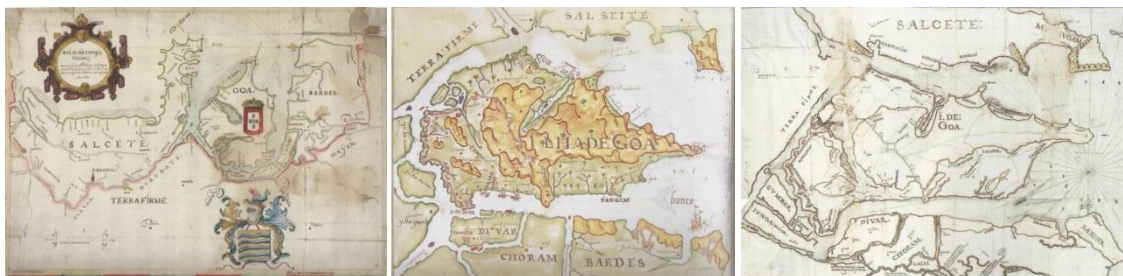
**Imagem 5:** *Civitates orbis terrarum* | George Braun e Franz Hogenberg, 1572.



**Imagem 6:** *Itinerário, Viagem ou Navegação para as Índias Orientais ou portuguesas* | Jan Huyghen van Linschoten, 1596



Entrando no século XVII, conhecem-se algumas representações deste território, como as de Manuel Godinho de Erédia: *Plantas de Praças das Conquistas de Portugal* (1610), mostrando a ilha acompanhada dos territórios de Bardez e Salcete; ou *Ilha de Goa*, um modelo de 1612, presente no *Lyvro de plantaforma das fortalezas da Índia* (provavelmente do mesmo autor), seguidas com importantes variantes em 1615-1616.



**Imagem 7:** (à esquerda) *Plantas de Praças das Conquistas de Portugal* | Manuel Godinho de Erédia, 1610;  
**Imagem 8:** (ao centro) *Ilha de Goa*, *Lyvro de plantaforma das fortalezas da Índia* | Manuel Godinho de Erédia, 1612;  
**Imagem 9:** (à direita) *Ilha de Goa*, carta inserida entre os livros 1 e 2 da obra *Comentarios de D. Garcia de Silva y Figueroa* [...] | Manuel Godinho de Erédia, 1615-1616 | Biblioteca Nacional de Madrid.

Num período entre 1612 e 1635 terá sido realizada a *Plantaforma da cidade de Goa*, apresentando um conjunto de legendas e detalhes que a colocam como um dos melhores instrumentos que possuímos para, em conjunto com os levantamentos atuais, trabalhar numa reconstituição do que terá sido este tecido urbano.



**Imagem 10:** (à direita) *Plantaforma da cidade de Goa* – *Lyvro de plantaforma das fortalezas da Índia* | Manuel Godinho de Erédia, 1620 (?).



Ainda na sequência da planta de Jan Huyghen van Linschoten, surgem alguns trabalhos como a *Plantaforma da cidade de Goa* - Livro de plantaforma das fortalezas da India no atlas-miscelânea, de Manuel Godinho de Erédia (1615-1622), ou a *Planta da Cidade de Goa*, de autor desconhecido (1633).



**Imagem 11:** (à esquerda) Plantaforma da cidade de Goa – Livro de plantaforma das fortalezas da India no atlas-miscelânea | Manuel Godinho de Erédia (1615-1622);

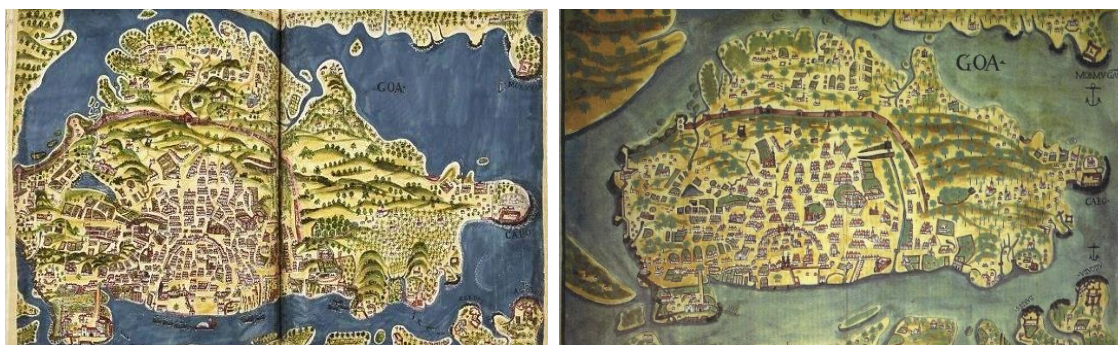
**Imagem 12:** (à direita) Planta da Cidade de Goa | autor desconhecido (1633).

Nestes exemplares é introduzido o esforço de colocar a planta da cidade no mapa, modelo também seguido por Pedro Barreto de Resende, presente no *Livro das plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental*, (1635-1646), de António Bocarro, da qual surgiram uma série de cópias.



**Imagem 13:** (à esquerda) *Bardez* – Livro das plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental (de António Bocarro) | Pedro Barreto de Resende, 1634-35 | Arquivo: COD CXV 2-1, Planta 27;

**Imagem 14:** (à direita) *Salcete*, mesma obra, autor e ano | Arquivo: COD CXV 2-1, Planta 28.

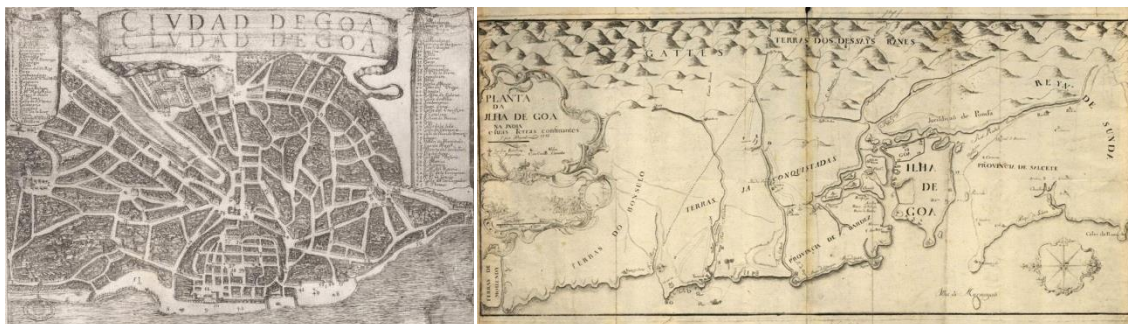


**Imagem 15:** (à esquerda) *Goa* – Livro das plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental (de António Bocarro) | Pedro Barreto de Resende, 1646 | Arquivo: British Museum;

**Imagem 16:** (à direita) *Ilha de Goa* | António de Maris Carneiro, 1639.

Realizada entre 1666 e 1675, a *Civdad de Goa* não apresenta dados muito significativos em relação às representações anteriores. Contudo, desde a *Plantaforma da cidade de Goa* que não se produziu cartografia legendada e rigorosa relativa aos edifícios que constituíam a cidade de Goa.

Já do Século XVIII, conhece-se a *Planta da ilha de Goa na India e suas terras confinantes*, de 1747, exibida parte das terras já conquistadas em torno de Goa, durante o processo das Novas Conquistas.



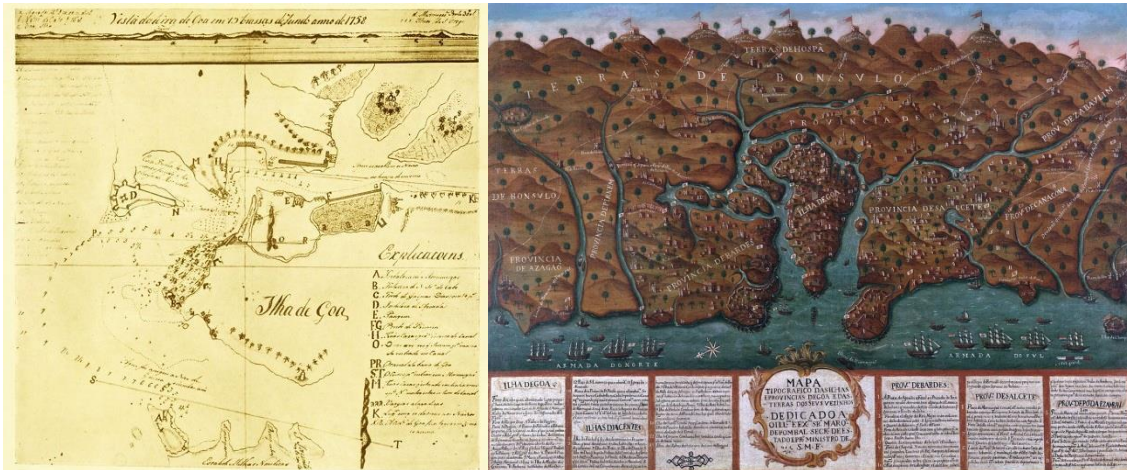
**Imagem 17:** *Civdad de Goa* – Asia Portuguesa, 1666-1675 | Arquivo: AHU\_ICONI\_058\_I,D.606;

**Imagem 18:** *Planta da ilha de Goa na India e suas terras confinantes* | D<sup>a</sup> Orgeval, 1747 | Arquivo: BNP.

Particularmente as motivações militares estimulam novas representações, como é o caso da *Vista da Terra de Goa [...]*, de 1758, publicada por Luís Silveira no *Ensaio de Iconografia das Cidades portuguesas do Ultramar*, merecendo destaque a exibição das fortificações e o perímetro amuralhado erguidos em torno de Velha Goa.

De 1770, conhece-se o *Mapa Topografico das Ilhas e Provincias de Goa*, um mapa com autor desconhecido, dedicado a Marquês de Pombal, conforme figura na própria representação: *Mapa tipografico [sic] das Ilhas e Provincias de Goa e das terras dos seus vezinhos – Dedicado ao Ill.mo e Ex.mo Sr.º Marq.es de Pombal Secr.º de Estado e Pr.º Ministro de S.M.F.* Também aqui estão representadas as Novas Conquistas, figurando o território de Goa e as terras vizinhas. Sendo um mapa topográfico, esta representação surge em perspetiva com altimetria alterada a partir da linha costeira, junto à qual se veem, entre várias embarcações europeias e nativas: a "Armada do Sul", à direita, composta por cinco naus (duas da Companhia Holandesa da Índias Orientais, segundo a bandeira), e a "Armada do Norte", à esquerda, composta por quatro naus (duas holandesas); na margem inferior, é possível ver o título, dedicatória e legenda, com remissivas numéricas agrupadas em: "Ilha de Goa", "Ilhas djacentes", "Prov.<sup>a</sup> de Bardes", "Prov. <sup>a</sup> de Salcete", "Prov.<sup>a</sup> de Põda e Zambaulim".





**Imagem 19:** Vista de Terra de Goa [...] | Ensaio de Iconografia das Cidades portuguesas do Ultramar | publicado por Luís Silveira | autor anónimo, 1758;

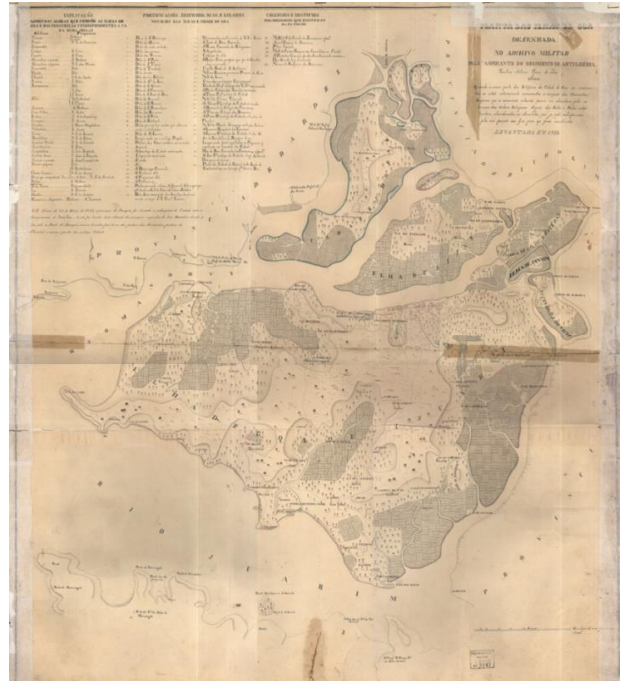
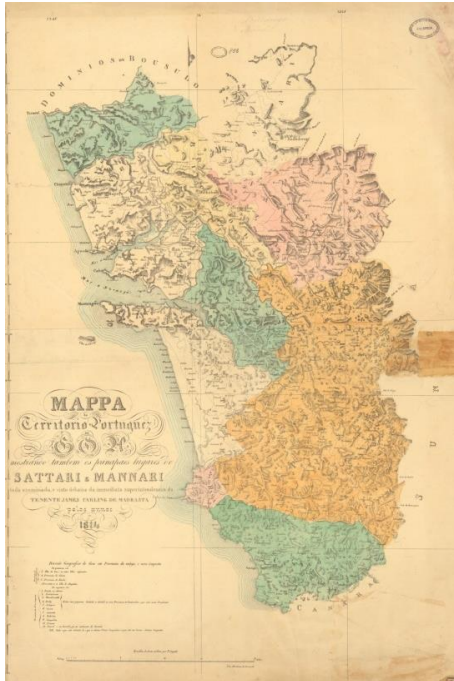
**Imagem 20:** Mapa tipografico [sic] das Ilhas e Provincias de Goa [...] | autor desconhecido, 1770-1777 | Arquivo: BNP.

À medida que a tecnologia foi permitindo maior rigor e facilidade na reprodução de nova cartografia, os exemplares passaram a ser mais frequentes; contudo, para o objetivo deste ensaio, perdem-se preciosos dados e, com eles, a relevância. São disso exemplo o *Mappa do Território Portuguez de Goa (...)*, de James Carling de Madrasta (1814), com o território pertencente às Velhas e às Novas Conquistas; ou a *Planta das Ilhas de Goa...*, de Faustino António Gomes da Silva (1848) com o texto:

Quando a maior parte dos Edifícios da Cidade de Goa ou não existem ou estão inteiramente arruinados a excepção dos Conventos e Hospícios que se conservão inteiros, porem em abandono pela extincção das Ordens Religiosas. Alguns dos Fortes e Postos estão também abandonados, ou de-molidos, por ja não satisfazerem pela sua posição aos fins para que foraõ construidos. (Gomes da Silva, 1848)

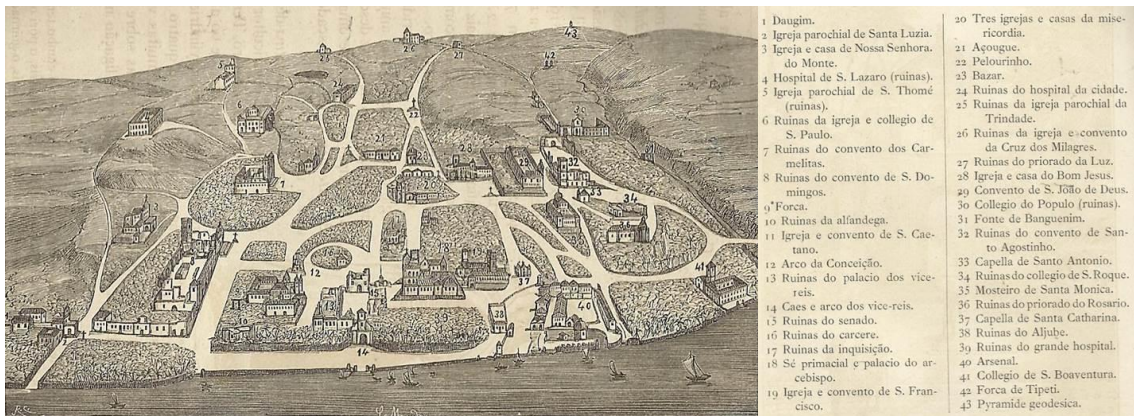
Relativamente a um período mais recente, tive acesso a alguns materiais de trabalho, como fotografias, desenhos e gravuras, de entre as quais se destacam as de Lopes Mendes em *A India Portuguesa – Breve Descrição das Possessões Portuguesas na Ásia*, publicada pela Imprensa Nacional em 1886. Dediquei especial atenção aos desenhos da cidade de Velha Goa e respetiva legenda, uma vez que se tornaram uma importante ferramenta no trabalho de campo. Com igual interesse, temos duas imagens da barra de Goa: a primeira sugere a aproximação a Goa, com Aguada à esquerda, Nossa Senhora do Cabo ao centro e Mormugão à direita; a segunda mostra

a entrada no rio Mandovi, com a Fortaleza dos Reis Magos à esquerda e o Forte de Gaspar Dias, à direita. Esta obra inclui muitas outras representações em Goa, assim como outras possessões portuguesas na Ásia, um importante parecer de edifícios já ruídos.

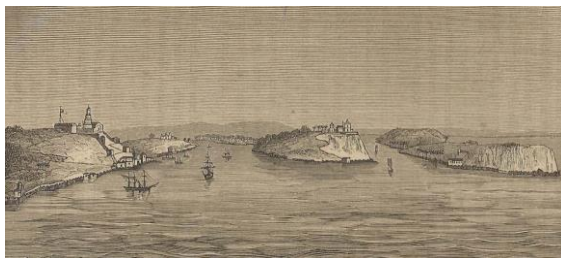


**Imagem 21:** (à esquerda) “Mapa do Território Português de Goa mostrando também os principais lugares de Sattari e Mannari” | James Carling de Madrasta, 1814;

**Imagem 22:** (à direita) “Planta das Ilhas de Goa” | Faustino António Gomes da Silva, 1848 | Arquivo Histórico Militar: AHM-DIV-3-47-AV2-3581.



**Imagem 23:** A cidade de Velha Goa | *A India Portuguesa [...]*, António Lopes Mendes, 1886



**Imagem 24:** (à esquerda) A barra de Goa | *A India Portuguesa [...]*, António Lopes Mendes, 1886;

**Imagem 25:** (à direita) Rio Mandovi entre a Fortaleza dos Reis Magos e a de Gaspar Dias | *A India Portuguesa [...]*, António Lopes Mendes, 1886.



Entre a segunda metade do século XIX e 1961, foi elaborada uma série de cartografia do território português: cartas topográficas, agrícolas, hidrográficas, etc., as quais não abordarei pela dispersão de dados a que isso levaria e que, para a presente análise, considero irrelevante. Em todo o caso, este material demonstra importância a dois níveis: como base de apoio aos levantamentos das estruturas realizados no terreno, assim como testemunhos da evolução urbana neste território.

### ***Hiperdesenho: (re)desenhar as fontes gráficas, (re)conhecer as realidades coloniais***

Reconhecida, analisada e articulada a cartografia mais relevante disponível, possuímos bases que permitem demonstrar como as novas tecnologias ligadas ao desenho e à geografia se poderão tornar relevantes no melhor (re)conhecimento da realidade colonial deste território. Estas ferramentas possibilitam redesenhar e reinterpretar os processos de evolução na História, sobrepondo e compreendendo as várias representações territoriais e, por natural extensão, das estruturas das formas dos núcleos urbanos e aproximação aos elementos que os compõem, podendo-se atingir um grau de conhecimento que privilegie uma base comparativa com outros territórios e núcleos urbanos.

O grau de conhecimento de um território ou de uma cidade tem, não raramente, base no confronto das morfologias urbanas comparáveis e, nesse caso, também o deverá ser o uso do *hiperdesenho*, enquanto conjunto de *layers* (camadas de informação que se vão sobrepondo) que, de forma abstrata, representam a forma, o espaço, as movimentações e evoluções ao longo do tempo – sendo que o espaço e a forma reagem dialeticamente à mudança. A esta abordagem e coleção de dados, deverá ainda ser incluída a aprendizagem desenvolvida pelos engenheiros militares, a lógica dos seus conceitos e ações resultantes, identificando as contribuições específicas na organização defensiva de Goa. São disso exemplo a deteção de dados relativos às metodologias construtivas e tipológicas, em geral, ou à conceção do baluarte ou da canhoeira, em particular; o aparecimento do tratado de fortificação como género autónomo e se o mesmo contribuiu para uma regularização de formas de pensar o perímetro defensivo, ou se a aplicação no terreno de apoiou essencialmente

na aplicação do conhecimento das fontes clássicas, ou no pragmatismo da emergência de guerra; entre outros.

As representações de Goa colocam, ainda hoje, várias situações a equacionar: porque nos dizem mais do que aquilo que está representado, porque apresentam ideias/projetos nunca realizados, porque se desconhece a autoria, a época ou o nível de veracidade da informação. Não sendo objetivo deste ensaio destacar um objeto específico – mas antes a aplicabilidade e os seus benefícios metodológicos –, parece adequado identificar um par de exemplos para melhor compreensão deste processo.

Da primeira metade do século XVI, temos o exemplo de Rachol, a sul de Goa, que segurava a descida do rio Zuari do interior. Nesta proposta de (re)leitura, Rachol é merecedor de destaque, uma vez que é uma das estruturas da qual muito pouco se sabe, sendo escassos os vestígios para além da recuperada porta da praça e o fosso cada vez menos evidente. Com o cruzamento de dados – as descrições, os projetos, os vestígios que restam – conseguir-se-á uma maior aproximação às realidades históricas deste local.

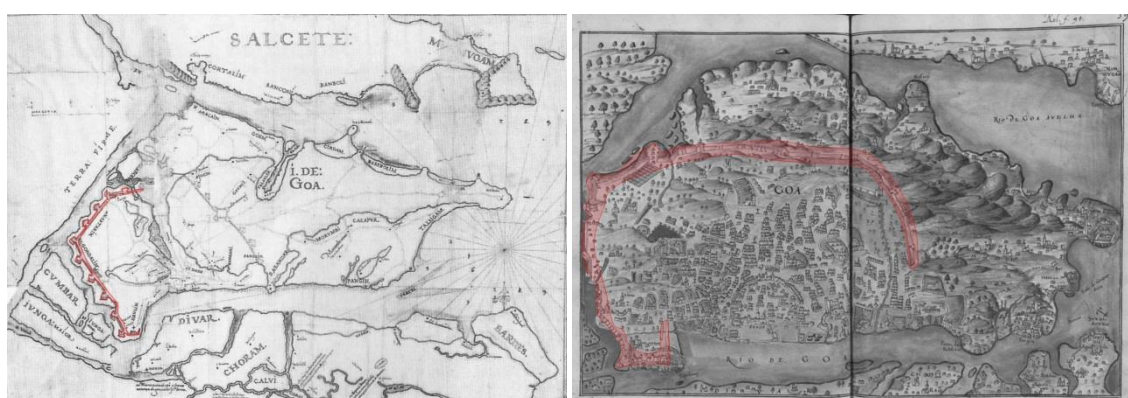


**Imagem 26:** (à esquerda) Desenho do autor sobre “Praça de Rachol” (autor e ano desconhecidos);

**Imagem 27:** (à direita) desenho do autor sobre imagem de satélite (Google Earth 2015).

Da muralha portuguesa, outro exemplo, nada se encontrava publicado desde a *separata* de Ricardo Michael Telles (“Fortalezas de Goa e as suas legendas”, 1937), assunto apenas retomado por Walter Rossa e Sidh Mendiratta, em 2011, num breve ensaio presente na obra *Património de Origem Portuguesa no Mundo: arquitectura e Urbanismo. Ásia e Oceania* e, um ano depois, em *A cerca adormecida: recuperação histórico-cartográfica da muralha portuguesa de Goa*, onde os autores propuseram manusear a cartografia, após trabalho de campo e cruzamento com os dados

disponíveis, apresentando informação adicional acerca desta estrutura que, antes da sua definição final, terá iniciado um perímetro que circunscrevia a totalidade a ilha. A opção mais modesta poderá ser comprovada, por exemplo, na carta *a Ilha de Goa* (1615-1616), onde é notório o abandono da ideia de cercar a ilha, continuando o perímetro iniciado ao longo do Cambarjua, onde parte da muralha é erguida. Já nas representações de Pedro Barreto de Resende verifica-se que grande parte desta estrutura estaria em vias de conclusão, embora apresente uma dimensão muito exagerada.



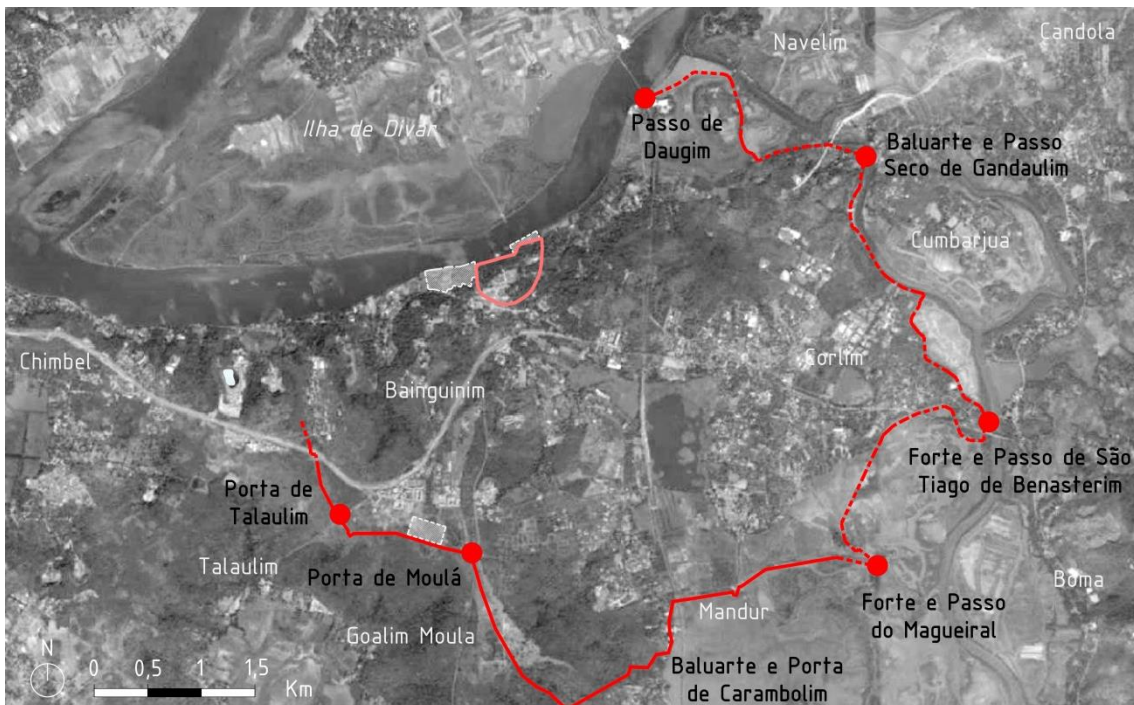
**Desenho 28:** Desenho do autor sobre: *Ilha de Goa*, carta inserida entre os livros 1 e 2 da obra *Comentarios de D. Garcia de Silva y Figueroa[...]* | Manuel Godinho de Erédia, 1615-1616 | Biblioteca Nacional de Madrid;

**Desenho 29:** Desenho do autor sobre: *Goa* | Pedro Barreto de Resende, 1635-1646.

*A Planta da ilha de Goa na Índia e suas terras confinantes*, de 1747, além da posição e dimensão ilusórias, mostra-nos um perímetro completamente encerrado, incluindo a frente ribeirinha, algo que se sabe não ser verdade. A muralha portuguesa nunca teve uma frente a norte, além da preexistente muralha islâmica; além disso, a configuração está claramente errada, estendendo-se demasiado a sul/sudeste e pouco a oeste, se compararmos com uma imagem da configuração conseguida na atualidade, com apoio na imagem de satélite e dados recolhidos em trabalho de campo (desenho 31).



**Desenho 30:** Desenho do autor sobre: “Planta da ilha de Goa na India e suas terras confinantes” | D<sup>a</sup> Orgeval, 1747.



**Desenho 31:** A muralha suburbana de Goa, iniciada a 1630 | desenho do autor sobre imagem de satélite, apoiado no desenho designado “Velha Goa Suburbana” (2010), in José Mattoso (dir.) e Walter Rossa (coord.), *Património de Origem Portuguesa no Mundo. Ásia e Oceania*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 233.

Com 18,5 quilómetros, é considerado o mais extenso perímetro amuralhado implementado pelos portugueses no mundo, compreendendo-se o longo processo de execução e a fragilidade geral. A perseguição pela topografia mais favorável, as ausências de fosso e de cortina dupla com terraplena, a altura relativamente baixa dos panos, os vestígios de alguns baluartes modernos (nomeadamente junto às antigas portas) são alguns dos dados que se podem recolher no terreno. Além da muralha, foram erguidos baluartes para defesa dos passos, assim como outras obras de



complemento ao sistema defensivo, nomeadamente fortes junto às barras dos rios como os dos Reis Magos, Aguada e Mormugão.

A cartografia e a iconografia, as fontes primárias escritas, a informação recolhida em arquivo e no terreno, correspondem a um conjunto de material que será cruzado e apoiado pela tecnologia atual (como da imagem de satélite, os aparelhos de levantamento a laser, etc.), numa persistente aproximação ao (re)conhecimento das realidades coloniais deste território(s), em particular a sua organização defensiva.

### **Notas finais**

Entre a chegada a Goa (1510), a elevação a capital do Estado da Índia (1530), a soberania sobre o território das Velhas Conquistas (1543) e mais tarde a expansão às Novas Conquistas (1713-1788), a mudança da capital para Pangim (1843) até, finalmente, a reapropriação do território pela União Indiana (1961), registaram-se quatro séculos e meio de transformações neste território.

Numa tentativa de melhor compreensão destas realidades coloniais, propus uma leitura cartográfica e iconográfica (testemunhas das transformações aí ocorridas), redesenhando sobre estas bases e apoiando-me, sempre que possível, na tecnologia atual. É aliciante verificar percursos quase opostos entre a realidade atual e a capacidade da sua representação: hoje, restando cada vez menos vestígios, pode ser atingida, com maior rigor, uma identificação de cada um desses elementos, graças ao *hiperdesenho* e à tecnologia atual; algo que, quando estes se encontravam em melhor estado de conservação, não houve a capacidade de ser feito.

Em suma, a leitura das fontes primárias associadas à tecnologia e conhecimento atuais, permite o recurso a um apreciável manancial de elementos que nos permite converter dúvidas em respostas, através da narrativa dos processos de evolução no tempo, isto é, através do *hiperdesenho*, feito hoje.

### **Referências Bibliográficas**

- Bethencourt, Francisco; Curto, Diogo Ramada (dir.) (2010), *A Expansão Marítima Portuguesa, 1400-1800*. Lisboa: Edições 70.
- Bocarro, António (1992), *O livro das plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental* (1635), 3 vol. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

- Bouchon, Geneviève (1999), “Les Mers de l’Inde à la fin do XVe Siècle. Vue générale” in *Inde Découverte, Inde Re-trouvée, 1498-1630. Études d’histoire Indo-Portugaise*. Paris – Lisboa: Centre Culturel Calouste Gulbenkian – CNCDO.
- Garcia, José Manuel (2009), *Cidades e fortalezas do Estado da Índia – Séculos XVI e XVII*. Matosinhos: QUIDNOVI.
- Luz, Francisco Paulo Mendes da (1954), *Livro das cidades, fortalezas, qve a coroa de Portugal tem nas partes da Índia, e das capitánias, e mais cargos qve nelas ha, e da importancia deles*. Coimbra: Boletim da Universidade.
- Mattoso, José (dir.); Rossa, Walter (coord.) (2010), *Património de Origem Portuguesa no Mundo: arquitetura e urbanismo. Ásia e Oceania*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mendes, Lopes (1886), *A Índia Portuguesa – Breve Descrição das Possessões Portuguesas na Ásia*. Lisboa: Ordem do Ministério da Marina – Imprensa Nacional.
- Rodrigues, Vítor (2001), *Da Goa de Albuquerque à Goa Seiscentista: Aspectos da Organização Militar da Capital da “Estado da Índia”, Série separatas nº 242*. Lisboa: Ministério da Ciência e da Tecnologia – IICT.
- Rodrigues, Vítor; Costa, João Paulo Oliveira e (2008), *Conquista de Goa 1510-1512 - Campanhas de Afonso de Albuquerque, Volume I*. Lisboa: Tribuna da História.
- Rodrigues, Vítor; Costa, João Paulo Oliveira e (eds.) (2010), *O Estado da Índia e os desafios europeus: actas do XII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar.
- Rossa, Walter (coord.) (1998), *Universo Urbanístico Português 1415-1822: caderno de resumos*. Lisboa: CNCDP.
- Rossa, Walter (2002), *A Urbe e o Traço. Uma Década de Estudos sobre o Urbanismo Português*. Coimbra: Almedina.
- Rossa, Walter, Mendiratta, Sidh (2012), “A Cerca Adormecida: Recuperação Histórico-Cartográfica da Muralha Portuguesa de Goa”, in Artur Teodoro de Matos e João Teles e Cunha (coords.), *Goa: Passado e Presente*, Tomo 1. Lisboa: CEPCEP e CHAM, 413-423.
- Rossa, Walter (2015), *Fomos condenados à cidade: uma década de estudos sobre património urbanístico*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Santos, Catarina Madeira (2001), *Entre Velha Goa e Pangim: a Capital do Estado da Índia e as reformulações da Política Ultramarina, Série separatas nº 243*. Lisboa: Ministério da Ciência e da Tecnologia – IICT.
- Santos, Catarina Madeira (1999), «Goa É a Chave de Toda a Índia». *Perfil Político da Capital do Estado da Índia (1505-1570)*. Lisboa: CNCDP.
- Telles, Ricardo Michael (1937), “Fortalezas de Goa e as suas Legendas”, *O Oriente Português*, revista da Comissão Arqueológica da Índia Portuguesa, vol. XXX, nº 18. Bastorá: Tipografia Rangel.